

A ALMA EM SANTO AGOSTINHO

THE SOUL IN SAINT AUGUSTINE

*Tais Palú Rodrigues*¹

Resumo: O presente artigo possui como escopo a elucidação acerca da alma, sua origem e sua interrelação com o corpo, em especial no pensamento e obra de Agostinho, filósofo e santo católico. Para tanto, buscou-se na filosofia grega pré-socrática as bases do pensamento desenvolvido sobre o tema, bem como sua conexão com o pós morte. Além disso, determinante a reflexão sobre alguns trabalhos de Platão sobre o tema, pois influenciou largamente na filosofia de Agostinho, não obstante presente flagrante divergência em alguns pontos, em especial na questão sobre o corpo. Como resultado, observa-se que o conceito de alma, desde a antiguidade, esteve inculcado no pensamento popular, sendo melhor desenvolvido pela filosofia e, em corolário, na religião, estando vigente hodiernamente nas diversas crenças e culturas do gênero humano.

Palavras-chave: Alma. Corpo. Santo Agostinho.

Abstract: The present article has as goal the elucidation about the soul, its origin and its interrelation with the body, especially in the thinking and work of Augustine, philosopher and Catholic saint. Therefore, the bases of the thought developed on the subject, as well as its connection with the postmortem, were sought in pre-Socratic Greek philosophy. In addition, it is important to reflect on some of Plato's works on the subject, as he greatly influenced Augustine's philosophy, despite its flagrant disagreement on some points, especially in the question about the body. As a result, it can be observed that the concept of soul, since antiquity, has been instilled in popular thought, being better developed by philosophy and, in corollary, in religion, being valid today in the diverse beliefs and cultures of the human race.

Keywords: Soul. Body. Saint Augustine.

1. Introdução

A pergunta sobre a origem e existência da alma corresponde à indagação acerca da origem do ser humano. Trata-se, portanto, de compreender a visão completa do ser, entendido como um composto de alma e corpo, espírito e matéria, recaindo, inevitavelmente na questão da natureza humana.

O conceito de alma e seu entendimento como composto do ser humano não é novo. Os primeiros pensadores e filósofos gregos já se questionavam a respeito o pós morte e na existência de algo que fosse superior ao fim do corpo. Por esta razão

¹ Especialista em Filosofia pela Universidade Cândido Mendes. Especialista em Direito Previdenciário pela Universidade Estadual de Londrina. Advogada. Teóloga. E-mail:taispalu@gmail.com

diversos mitos e pensamentos foram criados para tentar explicar a existência de algo superior ao homem e ao corpo.

Além dos filósofos pré-socráticos, Platão também despendeu grande parte de suas obras para a elaboração de teorias que abarcassem a questão da alma, sua imortalidade e essência. Em Platão, assumimos o conceito de alma como a dimensão espiritual e transcendente do ser humano.

Para Agostinho, filósofo deveras influenciado pela doutrina platônica e neoplatônica, a ideia de Deus é um conhecimento universal e naturalmente inseparável do espírito humano, posto que, em sua visão, o autor da alma é Deus. Para a percepção cristã, a ação divina cria o ser humano completo: corpo e alma, num único sujeito. Por isso o corpo humano, mesmo morto, não pode ser desprezado, nem reduzido o seu valor. Por conseguinte, a ideia de separação da alma e do corpo é um grande equívoco na concepção agostiniana.

A vida corporal não pode, portanto, ter apenas um significado reduzido, como no pensamento de Platão, que considera o corpo como cárcere da alma. Em razão disso, acredita-se que Agostinho tenha sido exitoso ao superar a visão dicotômica originária dos gregos, de que a alma era boa e a carne má.

Além disso, Agostinho defendeu a superioridade da alma humana racional, isto é, a supremacia do espírito sobre o corpo. A alma teria sido criada por Deus para reinar sobre o corpo, dirigindo-o à prática do bem. Uma vez realizando a justiça, a alma, ciente de que surgiu do divino, busca sua elevação, passando por sete graus ou etapas, a fim de contemplar a plena verdade, conforme exposto a seguir.

2. O conceito de alma entre os pré-socráticos

O conhecimento acerca da alma e da morte sempre foi uma preocupação presente no pensamento grego. Tanto é que esta perturbação helênica deixou como herança uma grande gama cultural quanto às crenças e maneiras de ver o pós morte.

A crença na existência da alma está intimamente interligada com a morte, pois inicialmente acreditava-se que após a vida terrestre havia uma transferência do falecido para uma espécie de mundo paralelo e invisível, como uma existência intratumular, e posteriormente passou-se a cultuar a existência pós-morte no subterrâneo, isto é, no Hades.

Aqui não havia uma transferência para um mundo celeste, nem a noção de

felicidade ou castigo para homens que em vida foram merecedores ou virtuosos, como se propaga atualmente com o cristianismo e outrora com Platão.

A alma era encaminhada para a morada dos mortos, o Hades, e:

[...] quando não recebem a atenção de seus familiares diretos, através dos ritos fúnebres e sacrifícios, curtem a infelicidade vinda da privação de gêneros e honra, caindo, assim, no esquecimento, e por conseguinte, sendo “engolidos” por lethe, condenados a penar as amarguras desse abandono.²

Como se observa, a necessidade do culto dos mortos era urgente e primordial, e não apenas com cerimônias fúnebres, pois aos defuntos eram destinados alimentos, com leite, vinho, bolos e carnes; roupas e até armas para garantir sua posterioridade no outro plano, assegurando que este não tivesse nenhum tipo de necessidade.

Com o passar do tempo houve a diminuição do pensamento mítico, que cumulado com a formação da polis, foi definitivo para alteração do conceito de alma para a época. De simples sombra, presa ao seu túmulo e dependente de ritos fúnebres por parentes, a alma passa a ser candidata das bem-aventuranças, livre dos ciclos de reencarnação.

Ao observar e perceber espiritualmente os fenômenos naturais, os gregos descobriram o conceito de espírito, debruçando-se sobremaneira neste tema. Os gregos haviam se encaminhado para a subjetividade e interioridade que vieram a ser descobertas pelo Cristianismo posteriormente. E uma vez tendo percebido espiritualmente os fenômenos naturais, extraíram de sua interioridade os elementos para a construção de suas divindades.

Em oposição ao pensamento cristão que prega a remissão dos pecados, o grego acredita que tudo segue um constante fluxo natural, com paixões, dificuldades e ações, sendo o homem um simples produto transitório do natural. A *phýsis* - divindade primordial da natureza para os gregos - é um processo vivo, com fluxo contínuo do cosmos, que é o ritmo essencial do mundo porque é o próprio ritmo da alma.

Fundamentados na observação da alma e de seus fenômenos, os pensadores pré-socráticos construíram a sua visão naturalista da alma humana à alma do universo e seus ciclos existenciais, passando o conceito a ser considerado, a exemplo da matéria, pelos fluxos contínuos, múltiplos e infinitos do devir no tempo, tornando-se cada vez mais

² PROVETTI, José Jr. A alma na Grécia: A origem do indivíduo no ocidente. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 13.

subjetivo em detrimento dos ciclos cósmicos³.

Sendo assim, a alma, entendida como um composto de forças exteriores à consciência de si, determinada pela crença de determinado grupo, passa a ser entendida como algo novo, vislumbrando a presença de si mesma em interação com o meio e as demais pessoas que o compõem, de maneira a viabilizar o conhecimento mais ou menos consciente de si.

Neste contexto, nos deparamos com um o conceito grego arcaico e pré-socrático, cuja indistinção entre o lógico e o ontológico garantiriam a veracidade da ideia e defesa da alma, sua imortalidade e sobrevivência ao fenômeno da morte. Dessa maneira, a tradição mítica se estabeleceu no pensamento popular, na medida em que essa indistinção corrobora e legitima a realidade desses conceitos por meio dos pensamentos dos filósofos da época.

A realidade da existência da alma era tão ativa e concreta no conceito popular, até o início dos questionamentos filosóficos, “que a polis instaurava a obrigação familiar, durante alguns dias do ano, para que as honras fúnebres fossem prestadas pelos parentes do morto, em conformidade com os ritos particulares de cada família”⁴.

O não sepultamento dos criminosos era considerado como questão jurídica, uma espécie de extensão da jurisdição humana sobre o reino de Hades. Tal crença demonstra o poder da concepção de imortalidade da alma e, sua preocupação com o pós-morte, pois acreditava-se que a deterioração do corpo insepulto sofria grande influência no *post mortem*.

Destarte, no período pré-socrático o conceito de alma é adaptado da terminologia mítica à estruturação conceitual que a filosofia empreendeu quanto ao que é a vida e a morte. Assim, a alma vai se apresentando como algo existente e constituidor das estruturas de funcionamento do mundo interno e externo ao homem, de maneira que a sua percepção e comunicação com o real se mostram, de uma maneira cada vez mais original, desvinculada do mítico, constituindo-se então, como o conhecimento filosófico sobre o mundo.

Portanto, a tradição filosófica dos conceitos de alma, em especial, imortalidade, contribuíram no processo de descoberta da interioridade da subjetividade do homem grego, o que mais tarde foi objeto de intensa pesquisa por Platão e ainda, Agostinho de

³ VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 48.

⁴ PROVETTI, José Jr. *A alma na Grécia: A origem do indivíduo no ocidente*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. p. 44.

Hipona, que foi influenciado por tais conceitos, ainda que em discordância de alguns.

3. O conceito de alma para Platão

Antes de adentrar no pensamento platônico acerca da alma, necessário ressaltar suas origens. Platão nasceu em Atenas em 427 a.C., e faleceu em 347 a.C. Foi um filósofo grego, cujo nome verdadeiro era Arístocles. “Platão” era um apelido ligado a sua forma física e inteligência. Foi discípulo de Crátilo, e depois de Sócrates, fundador da Academia de Atenas e mestre de Aristóteles.

Quanto ao seu pensamento sobre alma, Platão acredita que, precipuamente, a alma se encontrava com os deuses e vivia uma vida divina, tendo caído sobre um corpo na terra em razão de uma culpa. Idealizou a alma como uma ideia (forma inteligível), emanada de um arquétipo ou de uma essência primeira. Ao referir-se ao termo alma, devemos ter claro que o significado do termo, no pensamento platônico, deve ser compreendido como “ser humano”.

Platão, num dos seus diálogos, põe na boca de Sócrates a afirmação que me fez insistir em utilizar o termo alma (psukhé): "o ser humano é a sua alma" (Alcebiades primeiro, 130c). A alma, tal qual entendemos hoje em dia como a interioridade do homem, é um conceito que devemos a Sócrates. Nossa compreensão de alma supõe aquela parte do homem que não conhece destruição, supõe o interior que identifica cada ser humano, a partir do qual o ser humano pode afirmar "Eu sou"⁵.

Afirma, portanto, a existência da alma e sua imortalidade, pois encontra sentido na admissão de um ser suprassensível, metaempírico, presente no “Mundo das Ideias”, o que significa que a alma é a dimensão inteligível, metaempírica, incorruptível do homem. Sendo assim, de acordo com essa concepção, a origem do homem não tem sua explicação simplesmente no existir intraterreno.

A partir daí, vemos a correlação do o conceito cristão que define o ser humano como imagem e semelhança de Deus, que também está relacionado com concepção platônica de alma.

Examina agora a questão da seguinte maneira: enquanto se mantêm juntos o corpo e a alma, impõe a natureza a um dele obedecer e servir e ao outro comandar e dominar. Sob esse aspecto, qual deles se

⁵ CARDOSO, Delmar. A Alma como centro do filosofar de Platão. São Paulo: Loyola, 2006. p. 25.

assemelha ao divino e qual ao mortal? Não te parece que o divino é naturalmente feito para comandar e dirigir, e o mortal para obedecer e servir? Acho que sim. E com qual deles a alma se parece? Evidentemente, Sócrates, a alma se assemelha ao divino, e o corpo ao mortal. Considera agora, Cebete, continuou, se de tudo o que dissemos não se conclui que ao que for divino, imortal, inteligível, de uma só forma, indissolúvel, sempre no mesmo estado e semelhante a si próprio é com o que alma mais se parece; e o contrário: ao humano, mortal e ininteligível, multiforme, dissolúvel e jamais igual a si mesmo, com isso é que o corpo se parece?⁶

Se esta está ligada ao divino, resta saber se é imortal como ele. Para Platão não basta a afirmação de Sócrates de que o homem é a sua alma, mas é preciso estabelecer ulteriormente se essa é ou não mortal. Por esta razão, o filósofo desenvolve o pensamento de imortalidade da alma, dando nova feição à ética e à política.

A existência da alma imortal, em Platão, está fundamentada sobre a metafísica, na doutrina suprassensível, da qual torna como uma consequência: a alma é a dimensão inteligível e imaterial do homem, e eterna como é eterno o inteligível e imaterial. O viver para o corpo significa viver para aquilo que está fadado ao fim; viver para alma significa, ao contrário, viver para aquilo que está destinado a viver sempre, o que significa viver purificando a alma por meio de um progressivo desapego do corpóreo.

A alma também possui seus maus, que são os vícios (injustiça, insensatez, impiedade e etc.). Porém, por maior que seja este mal, não destrói a alma, permanecendo imortal. O oposto do que acontece com o corpo que pode corromper-se e deixar de existir.

A imortalidade da alma, em Platão, é entendida como princípio do movimento, conceito de *psyché*, o que significa que a vida pressupõe movimento, pois como cita o pensador em Fedro:

Tendo-se manifestado imortal o que se move a si mesmo, ninguém tenha receio de dizer que é esta a essência da alma. De fato, todo o corpo ao qual o movimento é comunicado de fora é um corpo sem alma, ao passo que todo o corpo ao qual o movimento provém de dentro e a partir de si mesmo, é animado como se fosse a essência da alma. [...] A alma será necessariamente ingênita e imortal.⁷

Platão defende a imortalidade e a imaterialidade da alma, sem referência à animação do corpo, porque considera esse corpo como acidental à alma, ou ainda, como cárcere do espírito.

⁶ Platão, 1991, p. 79.

⁷ Platão, 1991, p. 80.

Platão afirma ainda, em alguns de seus diálogos, a distinção entre alma e corpo. Sendo a alma a sede da identidade, do pensamento e da deliberação, e o corpo o seu invólucro que frequentemente, põe-se como obstáculo ao pleno exercício das capacidades da alma, por isso sua visão de corpo como cárcere.

O destino das almas para Platão, após sua separação do corpo, com a morte, irá depender de sua conduta. Caso tenha vivido em plena justiça, receberá um prêmio (indo para lugares indescritíveis, maravilhosos e superiores). As almas avançam dos séquitos dos Deuses para uma “planície da verdade”, pensamento assaz semelhante com o de Agostinho.

Todavia, em tendo sido injusto, de maneira incurável, receberá um castigo eterno, sendo precipitado no Tártaro. Porém, se contraiu somente injustiças sanáveis, ora agindo bem, ora mal, se arrependido das próprias injustiças, será punida temporariamente, e depois de expiada sua culpa, poderá receber o prêmio que merece. Salta aos olhos que este pensamento está intimamente ligado ao cristão, nas figuras de céu, inferno e purgatório.

Platão também elaborou uma teoria do conhecimento, que de forma semelhante será incorporada por Agostinho. Segundo Platão, ao ver um objeto repetidas vezes, uma pessoa se lembra, aos poucos, da ideia daquele objeto que viu no mundo das ideias. Isso se dá, pois, antes de nascer, a alma de cada pessoa vivia em uma estrela, onde se localizam as ideias.

Quando uma pessoa nasce, sua alma é “jogada” para a Terra, e o impacto que ocorre faz com que esqueça o que viu na estrela. Mas, ao ver um objeto aparecer de diferentes formas (como as diferentes árvores que se pode ver), a alma se recorda da ideia daquele objeto que foi visto na estrela⁸.

Tal recordação é denominada anamnesis.

No que concerne à reencarnação da alma, Platão em Fédon, no sentido de que quando uma alma vive uma vida excessivamente carnal, ligada às paixões e prazeres do corpo, após a morte do corpo, esta não consegue separar-se completamente do corpóreo, posto que tenha se tornado algo como conatural, dada a insistência de experiências no cotidiano.

⁸ REALE, Giovanni. História da filosofia grega e romana: Platão. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, Vol. VIII, p. 198.

Temerosas do Hades, essas almas ligadas à corporeidade vagueiam por certo tempo em torno dos túmulos, como que fantasmas, até que, atraídas pelo corpóreo, ligam-se novamente aos corpos, podendo ser, também, no corpo de animais.

Influenciado pela mística pitagórica do número dez, o filósofo grego considera que a vida ultraterrena deva ter uma duração de dez vezes a duração da vida terrena, ou seja, cem anos. Portanto, passados os mil anos, a alma volta a encarnar-se, exceto as almas que cometeram crimes horrendos, sendo a punição extensa e superior aos mil anos. Passados dez mil anos as almas voltam para junto dos Deuses, de onde veio, local diferente daquele do qual gozam do prêmio milenário correspondente a cada vida que viveram.

Importante ressaltar que o valor que Platão dá a esses mitos é algo pautado na beleza da dúvida. Não se deve acreditar de modo irracional e tolo, mas também há um encantamento pela possibilidade do real em tais questões. E Agostinho, mergulhando a fundo nestas construções inteligíveis, desenvolveu seu pensamento e conceito sobre a alma, que até os dias de hoje predominam na fé católica.

4. O conceito de alma para agostinho

Discorreremos a seguir a respeito do conceito de alma para Agostinho de Hipona, bispo africano, nascido em 354. Seu pensamento a respeito da alma e do espírito remonta aos ensinamentos de Platão, conforme exposto acima.

Para melhor entender seu pensamento, imperioso se faz conhecer sua história e seu passado.

4.1. Breve histórico de Agostinho de Hipona

Além de ser um grande símbolo da patrística católica, o bispo de Hipona é um importante expoente da filosofia ocidental. Antes de se firmar no catolicismo, Aurélio Agostinho viveu uma vida considerada devassa, com imersão em várias denominações religiosas.

Nasceu em 354, numa pequena cidade da África do Norte chamada Tagaste, província romana da Numídia. Mudou-se para Catargo para se dedicar aos estudos e mais tarde se tornou professor. Posteriormente, casou-se e teve um filho, Adeodato,

falecido ainda na adolescência. Não pode continuar com sua esposa, posto que na época não era permitido, devido as diferentes classes sociais em que estavam imersos.

Deixou-se seduzir pelo Maniqueísmo, doutrina que prometia explicar a origem do mal, afirmando a existência absoluta de dois princípios antagônicos, luz e trevas, o bem e o mal e etc. Quando encontrou-se com Fausto, um dos responsáveis pela propagação da seita, decepcionou-se demasiadamente, pois não encontrou resposta a suas indagações intelectuais, resolvendo afastar-se do movimento. Depois de sua frustração, viveu um ceticismo não muito consistente dentro da Academia Platônica, tendo contato com os discípulos de Plotino. Referido ceticismo não chagava a ser algo acadêmico, como o de Descartes. Era, em verdade, uma decepção por não encontrar respostas as suas insurrectas perguntas.

Seu convívio com o Maniqueísmo e com o Ceticismo permitiu a este acreditar na ideia de que temos uma dimensão física e espiritual, ao qual, no futuro, possibilitou que este desenvolvesse trabalhos com escopo de unir fé e razão, produzindo uma filosofia religiosa.

Contudo, ao ouvir uma pregação de Ambrósio, eloquente bispo de Milão, e tendo conhecido as cartas de Paulo de Tarso, converteu-se ao cristianismo, abandonando as outras seitas e a vida hedonista que levava. Sua mãe, Mônica, ao qual sempre buscou mostrar o Cristo para o filho, finalmente teve suas preces atendidas, falecendo três meses após o batismo de Agostinho.

Engajado no catolicismo, mais tarde tornou-se sacerdote e, posteriormente, bispo de Hipona. Escreveu mais de 100 livros, 240 cartas, e 500 sermões são atribuídos a ele. Morreu em 23 de agosto de 430. Todavia seu legado filosófico e teológico permanece imorredouro.

Em 1298, por aclamação popular, o Papa Bonifácio VIII o reconheceu como Doutor e Santo da Igreja Católica. Os protestantes o consideram um erudito teológico na tradição do apóstolo Paulo.

4.2. A alma em Agostinho

A alma sempre foi objeto de curiosidade para Agostinho, assim como a busca pela Verdade. Tanto é que é autor de diversas obras sobre o tema, chegando a afirmar em uma de suas obras que gostaria de conhecer unicamente a Deus e a alma.

Entender a união da alma incorpórea com o corpo não é tarefa simples, até mesmo para o pensador. Questionado por seu aluno Evódio sobre a natureza da alma, Agostinho trata de elaborar o tema através do método socrático, com um encadeamento de perguntas e repostas, respondendo lentamente às questões, que podem ser encontradas em seu livro “A grandeza da Alma”.

Agostinho não se mostra um especialista no assunto, mas um curioso e questionador estudante a respeito do mistério, que em sua opinião, é a que mais se aproxima de Deus. Sua única certeza é de que a alma foi criada pelo Divino, contudo não sabe precisar de que substância a criou.

Com relação ao surgimento da alma, Agostinho é inteiramente discordante de Platão, pois considera que apenas as almas de Adão e Eva foram criadas diretamente por Deus. As demais almas são geradas a partir dessas figuras bíblicas. Destarte, as almas derivadas nascem corrompidas, por que as primeiras se perverteram, e agora, todas as almas são herdeiras da natureza decaída, cujo conceito também é conhecido como pecado original.

Sendo Deus o criador da alma, fica a questão de como ele a criou. Será que as almas estão na matéria, e são transmitidas pelos pais, na geração? O filósofo assim o pensou por certo tempo, mas depois recusou que algo espiritual pudesse surgir da matéria.

Portanto, não comunga do entendimento de que esta seja material, pois não tem extensão, não tem profundidade e nem massa. A alma é a parte imaterial do ser humano que preenche todo o corpo, dando-lhe vida e inteligência. Assegura ser algo real, mas não pode definir totalmente o que seria esse algo real, conferindo a este tema mais um dos mistérios do divino, pois não foi eficiente em comprovar tal afirmação.

Contudo, acredita que a alma está inteira em todas as partes do corpo consideradas em conjunto e toda inteira em cada parte considerada em particular, pois é inextensa por definição.

Sobre a composição da alma diz que “não tem nenhum dos quatro elementos, terra, água, ar e fogo. [...] se a pergunta é sobre a composição do ser humano, respondo que é constituído de corpo e alma”⁹. A propósito, a distinção entre corpo e alma foi introduzida na teologia católica por Santo Agostinho. Afirma que ela diferencia-se do

⁹ AGOSTINHO, Santo. Sobre a potencialidade da alma. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 22

corpo pela sua composição, pois a alma não tem quantidade corporal, não tem tamanho, nem largura, como dito acima, pois estas são características corpóreas.

Agostinho toma por base o pensamento platônico de que a alma humana é uma substância que participa de uma razão adaptada ao governo de um corpo. A alma é que age através do corpo, porém ela não cresce com o corpo, em verdade, ela é que faz o corpo crescer.

Agostinho produziu diversos textos que fogem ao platonismo:

Porque o homem não é só corpo ou apenas alma, mas o que é constituído de alma e de corpo. Esta é a verdade: a alma não é todo o homem, mas é a melhor parte do homem; nem todo o homem é o corpo, mas a porção inferior do homem; quando as duas estão juntas, temos o homem¹⁰.

Não se pode negar que Agostinho fora profundamente influenciado pela doutrina de Platão. Contudo, há copiosas diferenças entre o pensamento de ambos, como, por exemplo, a questão do corpo. Santo Agostinho supera a desvalorização do corporal, tão essencial no platonismo e no neoplatonismo. O corpo é matéria, criação de Deus, e por isso, bom.

Corroborar com entendimento platônico, de que o homem é uma alma que se serve de um corpo. Todavia, é inteiramente avesso ao pensamento de que o corpo é a prisão, ou ainda o túmulo da alma. Pelo contrário, considerou isso como heresia. “Não é o corpo o teu cárcere, mas a corrupção do teu corpo. O teu corpo, Deus o fez bom, porque Ele é bom”¹¹ e ainda “Todo aquele que quer eliminar o corpo da natureza humana desvaira”¹².

O que Santo Agostinho considera como prisão, são os vícios, fraquezas e tentações, pois, em sua opinião, é nela que residem todos os tormentos e anseios do homem. A libertação da alma é, portanto, preceito fundamental para a conquista da plenitude espiritual. Pois, para o santo, todas as ações pecaminosas, ou moralmente erradas, advém do desejo de possuir algo ou do medo de perder o que se tem, e ambos os sentimentos residem na alma prisioneira – do pecado, e não do corpo.

Portanto, a alma é uma substância racional feita para dominar o corpo. No pensamento agostiniano, o que a alma sabe sobre si mesma aprendeu de dentro, do

¹⁰ _____. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006-2007. p. 45

¹¹ AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006-2007. p. 24.

¹² *Idem*.

interior. O que não é, só pode perceber ou imaginar, mas não ter consciência disso, e é assim que ela conhece o corpo. Afirma ainda que a alma trouxe consigo todas as habilidades, e aquilo que nós chamamos aprender é, tão somente, um recordar, pois a alma traz todo o conhecimento.

Todavia, refuta a doutrina platoniana de reminiscência (ideias inatas), pois quando afirma que a alma traz todo conhecimento, fundamenta-se pelo conceito de “iluminação”, ou seja, todas as verdades, inclusive as naturais, já foram expressas por Deus na alma ao criá-la. Portanto, não acredita na eternidade das almas, como considera Platão, posto que acredite somente ser Deus a eternidade.

Mas como a alma conhece e atua depois de separada do corpo? Esta indagação foi uma constante no pensamento cristão e católico em séculos, porém sem resposta satisfatória pelo filósofo africano, que entendida como um mistério à luz da fé. Contudo, acredita que alma mantém as experiências desenvolvidas durante o período em que esteve unida ao corpo, e que todas as sensações são ações que a alma imprime nas paixões que ela sofre.

Sendo assim, acredita que todos os nossos conhecimentos provêm das nossas sensações, pois o sentir é do corpo, o entender é da alma, e é a alma que sente inteligivelmente através dos sentidos. Por isso, os sentidos trazem uma percepção, mas não o significado¹³. O animal também sente, mas não sabe que sente, apenas experimenta a percepção sensorial. Com isso, em certo ponto, só podemos abranger aquilo que vimos ou o que podemos conceber através dos que vimos. Assim todos os objetos sensíveis não são necessários, imutáveis e nem eternos, sendo todos contingentes, mutáveis e fugazes.

Para compreender este tema em Agostinho, é necessário entender que seu intuito não foi dar todas as respostas a respeito da alma, mas provar que a alma é uma substância o que significa que ela é distinta do corpo. Esse problema acompanhou o santo católico, por influência do materialismo que experimentara, e ao qual aderiu durante sua infância. Sendo assim, em sua visão, para diferenciar alma e corpo, basta defini-los para saber que suas essências não se confundem.

Além de Agostinho, Tomás de Aquino, importante figura da escolástica, também escreve de forma semelhante às ideias do bispo de Hipona, pois seu pensamento é ordenado com influência especial de Aristóteles e de Platão.

¹³ _____. Sobre a potencialidade da alma. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 107.

Tomás defende que a noção da alma como forma do corpo não exclui sua classificação como algo subsistente por si. Não basta diferenciar a alma humana daquela dos animais, mas cabe também mostrar que, embora imaterial e subsistente, ela não é por isso uma “substância separada” em sentido pleno¹⁴. A alma é coprincípio da essência humana, não uma essência completa por si mesma, suficiente para as operações que lhe competem realizar. Ela é substância incompleta sem o corpo, e sua condição natural é a da união com ele.

A insistência de Santo Tomás em que é parte da essência humana ser composto de corpo e alma como dois coprincípios dá resposta não só a certa tendência sempre latente no próprio cristianismo a um hiperespiritualismo de tonalidade platônica, mas também à sua retomada já fora do âmbito da Escolástica.

No caso dos animais e vegetais, o filósofo africano acredita que todo ser vivo corpóreo tem uma alma, ao qual utiliza o termo *anima*, para referir-se tanto à alma racional quanto à mente humana. O termo alma, do grego *psyché*, e do latim, *animus*, refere-se ao princípio vital e de animação; ou espírito, do grego *pneuma*, do latim, *spiritus*, substância própria e imaterial.

No caso dos vegetais, a alma é simplesmente o que dá vida ao corpo, permitindo que este seja alimentado, cresça e se reproduza. Já nos animais, a alma não é somente a fonte dessas atividades que se encontram nos vegetais, mas é também a fonte da sensação e do apetite. Nos seres humanos, a alma racional é a fonte do pensar e do querer, além de todas as demais atividades que os homens têm, em comum, com os vegetais e os animais. A alma racional humana exerce todas as atividades da vida vegetativa, sensitiva e inteligente, sendo ela a forma única das atividades do corpo.

Agostinho afirma que existem alimentos para a alma, que são a cultura e a instrução, pois crê que os homens sábios possuem o espírito mais pleno e mais livre do que os ignorantes, e ensina que tal liberdade e plenitude vêm através do alimento salutar com que a alma se mantém.

Sobre a pré-existência das almas, Santo Agostinho foi muito influenciado pela doutrina neoplatônica que as admitia. Contudo é participante do pensamento de Paulo Apóstolo, que assim consagra nas escrituras sagradas: "Foi decretado que o homem morra uma só vez"¹⁵. O santo católico não aceita a ideia de que:

¹⁴ AQUINO, Santo Tomás de. *Questões disputadas sobre a alma*. São Paulo: É Realizações, 2013. p. 13.

¹⁵ Carta aos Hebreus 9, 27.

as almas tenham se encarnado em corpos, como castigo, por algum pecado anterior, rejeitando a concepção de Orígenes de que o mundo sensível dos corpos foi criado, como um lugar de castigo, para as almas que haviam pecado antes de sua encarnação nos corpos.¹⁶

Tamanha foi a influência do pensamento de Agostinho que o Papa João III (561-574), com escopo de sanar o assunto no meio católico, decretou, anos após a sua morte, que "se alguém disser que as almas humanas pecaram primeiro na morada celestial, e, por isso, foram lançadas nos corpos humanos na terra, seja anátema"¹⁷.

Destarte, Agostinho defende que existe algo no homem que o ultrapassa. Que toda verdade, é algo inteligível, necessária, eterna e imutável. Exatamente as mesmas características são empregadas para Deus. Portanto, conclui que todo conhecimento adquirido tido como verdadeiro presente em nossa alma, nos é dado por Deus.

A noção de grandeza da alma é entendida por sua própria potência e virtude, advém de sua crença de que esta seja imortal, pois postula ser algo vindo de Deus e semelhante a ele. Destarte, a imortalidade é um dom divino. Por esta razão, acredita que a alma é superior ao corpo, posto que Deus a criou para que fosse predominante, conduzindo o ser humano para a prática do bem.

Agostinho escreve que não há nada mais perto de Deus do que a alma humana. Nem o sol, nem a terra e os oceanos são superiores à alma, "nem mesmo as regiões superiores do céu criado, que não podemos ver, nem isto devemos entender como superiores à natureza da alma"¹⁸. Até mesmo as coisas não percebidas pelos sentidos são inferiores.

Sustenta que, embora a alma não seja o que Deus é, não existe nada que se aproxime mais a Deus do que a alma humana: na verdade, a alma é igual a um anjo¹⁹. A alma não é parte de Deus, pois se o fosse, deveria ser imutável e incorruptível, não podendo ser melhor ou pior, e Agostinho acredita que a alma pode evoluir.

O santo indica que a atividade da alma humana racional ao se evolucionar, passa por sete graus. Sendo o primeiro grau a animação; o segundo, a sensação; o terceiro, a

¹⁶ STREFLING, Sérgio Ricardo. Os sete graus de atividade da alma humana no *De Quantitate Animae* de Santo Agostinho. *Revista Trans/formação*, Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, v. 37, p.179-200, Set./Dez. 2014. p. 180.

¹⁷ DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007, p. 236

¹⁸ AGOSTINHO, Santo. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 162

¹⁹ _____. *Contra os Acadêmicos; A ordem; A grandeza da Alma; O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística. p. 70

arte; o quarto, a virtude; o quinto, a tranquilidade; o sexto, o ingresso; e o sétimo, a contemplação, como veremos a seguir.

4.3. Os sete graus de atividade da alma humana

Santo Agostinho acredita que, a exemplo das bem aventuranças evangélicas, a ascensão da alma também passe por sete graus. Nesta etapa, não se prende mais ao esquema neoplatônico, e sim as bem-aventuranças e aos dons do Espírito Santo. Juntamente com a oração, a alma deve ascender por degraus na sua aproximação a Deus.

4.3.1 Primeiro grau: a alma anima o corpo (animatio)

A alma anima o corpo, dá vida a ele. Não se pode pensar em corpo vivificado ou propriamente em animação, sem admitir a presença da alma, que dá unidade e conserva na unidade com o corpóreo. A alma, pois, vivifica, anima o corpo e, portanto, o homem é um composto de alma vivificante e corpo, sempre com predomínio e superioridade da alma.

Diferentemente do corpo, a alma não progride em extensão. Contudo, a alma progride em relação à sua potência, progride enquanto possui uma maior força para obrar. De igual forma pode retroceder e tender ao supérfluo, deleitando-se nos sentidos e, desta forma, consumindo-se.

4.3.2. Segundo grau: a alma sente por meio dos sentidos (Sensus)

A sensação é uma atividade exercida pela alma, através do corpo. O conhecimento sensitivo das cores, dos odores, dos sons, dos sabores e do tato é obtido pelos sentidos, os quais não são, todavia, a sua causa principal, porque o sentir não é do corpo, mas da alma por meio do corpo, conforme exposto em alhures.

Agostinho nos convida a subir ao segundo grau de elevação da alma e contemplar o quanto esta pode, por meio dos sentidos. “A alma se aplica ao tato e por ele sente e distingue o que é frio, áspero, liso, duro, leve, pesado. Além disso, discerne

pelo paladar, pelo olfato, pela audição, e pela visão as inúmeras diferenças de sabores, de odores, de sons, de formas”²⁰.

A alma, sendo superior ao corpo, tem poder sobre ele, porém é, pelos sentidos corpóreos, que exerce a sua atividade de conhecer. A sensação é um ato de atenção da alma sobre uma modificação do corpo. A sensação é, portanto, primordialmente, ação da alma.

4.3.3. Terceiro grau: a alma raciocina e produz (ars)

Os dois primeiros graus são comuns ao homem e aos animais, mas só o homem possui o terceiro. A capacidade da alma de produzir e fazer ciência corresponde ao terceiro grau, onde adentramos no domínio próprio da pessoa humana, no mundo das coisas adquiridas pela observação e conservadas pela memória.

O conhecimento que resulta da razão, é um saber a respeito das coisas sensíveis e a alma, nesse grau, revela sua habilidade de produção e capacidade de raciocinar. Neste estágio a alma começa a saborear o prazer interior. Do contrário, se a alma se inclina aos sentidos, ela trai a sua própria natureza e torna o homem semelhante aos animais irracionais²¹.

4.3.4. Quarto grau: a alma purifica-se e se aperfeiçoa (virtus)

No quarto grau de atividade da alma, esta mostra a capacidade do ser humano de ser virtuoso, isto é, possui a capacidade para elevar-se, assemelhando-se a Deus, uma vez que acredita ser imagem e semelhança deste. Portanto, a sua realização só pode acontecer na medida em que a alma se esforce, por meio da virtude.

Uma vez elevando-se, a alma começa a ter frutos, a vontade humana toma impulso dirigido pelo amor e então ama o que deve amar. Para Agostinho, não existe virtude sem o amor que possibilita o cumprimento das leis divinas.

Nesta fase, a alma começa a antepor-se ao corpo, aprendendo a contemplar a própria beleza da imagem que é ela mesma, lutando contra os conflitos, adversidades e

²⁰ AGOSTINHO, Santo. *Contra os Acadêmicos; A ordem; A grandeza da Alma; O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística. p. 340.

²¹ STREFLING, Sérgio Ricardo. Os sete graus de atividade da alma humana no *De Quantitate Animae* de Santo Agostinho. *Revista Trans/formação, Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília*, v. 37, p.179-200, Set./Dez. 2014. p.190

seduções deste mundo, bem como o medo da morte.

Enquanto as coisas do mundo inferiorizam a alma, esta tende a elevar-se e a transcender a si mesma, e, como não existe nada acima da alma que seja mais excelente, salvo Deus, em Deus a alma se deleita e encontra tranquilidade.

4.3.5. Quinto grau: a alma adquire tranquilidade (tranquillitas)

O quinto grau é a fase em que o homem já tendo realizado a conversão decisiva para Deus, não lhe resta mais do que se manter no estado de pureza, ao qual chegou e, em corolário lhe garante a tranquilidade. Após a purificação a alma está pronta para repousar em Deus, pois não há mais o que temer.

A alma nesse estágio compreende bem como é grande, cheia de uma imensa e inacreditável confiança; ela corre em direção a Deus, ou seja, em direção à contemplação da própria verdade, em direção a essa grande, sublime e misteriosa recompensa pela qual ela tanto lutou²².

Antes, buscava a pureza, agora a tem. E tendo-a, procura não macular-se novamente. Estando nesse estado de paz e fortaleza, a alma conhece a sua verdadeira grandeza e, por isso, se dirige a Deus com absoluta confiança. Nesse estágio, a alma tende para a contemplação da verdade, e, sentindo-se próxima de seu mérito, encontra a tranquilidade.

4.3.6. Sexto grau: a alma conduz à retidão (ingressio)

No penúltimo grau, a alma dirige seu olhar para Deus e tem seu ingresso intermediário, sua entrada na luz, que somente os corações puros podem contemplar. Neste sexto estágio, a alma sente o ardente desejo de entender aquilo que é o grau mais excelente e verdadeiro.

No quarto grau, purifica-se a alma, para afastá-la do mal; no quinto grau, a alma possui a pureza, conservando-a e fortalecendo-a para, então, neste sexto grau, lançar-se sobre si e olhar com retidão e serenidade para aquele que deseja ver²³.

²² AGOSTINHO, Santo. *Contra os Acadêmicos; A ordem; A grandeza da Alma; O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística. p. 343

²³ STREFLING, Sérgio Ricardo. Os sete graus de atividade da alma humana no *De Quantitate Animae* de Santo Agostinho. *Revista Trans/form/ação, Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília*, v. 37, p.179-200, Set./Dez. 2014. p. 195.

4.3.7. Sétimo grau: a alma contempla a verdade (contemplatio)

O último grau da alma não é certamente um grau, porque não é transitório, mas é um ponto de chegada dos graus anteriores. O sétimo grau é o fim desejado, qual seja, a mansão celeste. Esse fim é Deus mesmo, a sabedoria e verdade plena. É a contemplação da própria verdade, e não mais um caminho para ela.

A alma sente tão grande alegria, contemplando a verdade, que, desde o seu ingresso nesse estado de pureza e de verdadeira sabedoria, acreditará que nunca soube nada sobre tudo, quando, presunçosamente, considerava possuir toda a ciência. Nesse estágio a que a alma chegou, ela deseja a morte, para unir-se integralmente a toda a verdade²⁴.

Agostinho ainda escreve que para a alma não ser impedida de aderir a toda contemplação da verdade, desejaria como maior recompensa e mérito a morte que outrora temia, para assim evadir-se e livrar-se deste corpo.

Deste modo, cabe ao homem buscar sua ascensão, galgar na escada da retidão e da justiça, que tem como galardão a contemplação da verdade, na visão agostiniana. Assim, é possível experimentar a graça santificante de Deus, que é o mais alto grau da plena consumação da vida do espírito, durante nossa vida terrestre, atingindo, assim o seu ápice místico.

5. Considerações finais

A alma humana é, e como se mostra, sempre será uma entelúquia. Objeto de estudo de diversos pensadores e intelectuais de diferentes épocas. A alma é algo que intriga e instiga, não sendo diferente para Agostinho, que categorizou a alma como princípio organizador e ordenador do corpo.

Além disso, o filósofo afirma ser a alma humana intelectual, incorruptível e portanto imortal, posto que esta sobrevive à morte do corpo, sendo superior a este. Enfim, a alma humana, para Agostinho está ordenada a Deus como ao fim último.

Na obra de Agostinho “A grandeza da alma”, tratado escrito sobre a substância, composição e futuro da alma, fica alguns pontos sem definição acertada, pois o filósofo

²⁴ Idem, p. 197.

cristão apresentou respostas apenas sumárias quanto ao tema da origem das almas, o número de almas e sua individualização, bem como o conhecimento da alma separada.

Contudo, é rica a herança e ingerência do pensador a respeito do tema, não só no meio católico, mas para todo o gênero humano, pois Agostinho funde a concepção platônica com a fé cristã, formando as bases do pensamento, influenciando na forma em que entendemos a alma hodiernamente.

Assim resta claro que dualidade entre corpo e alma, e a busca de definição desta última, foi objeto cabalístico da filosofia e não só da religião, desde a antiguidade.

Referências

- AGOSTINHO. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006-2007.
- _____. *Confissões*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. 426 p.
- _____. *Contra os Acadêmicos; A ordem; A grandeza da Alma; O mestre*. São Paulo: Paulus, 2008. Coleção Patrística.
- _____. *Sobre a potencialidade da alma*. Petrópolis: Vozes, 1997. 187p.
- AQUINO, T. *Questões disputadas sobre a alma*. São Paulo: É Realizações, 2013. 464 p.
- BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARDOSO, D. *A Alma como centro do filosofar de Platão*. São Paulo: Loyola, 2006.
- CAVALCANTE, R. *Espiritualidade cristã na história: das origens até Santo Agostinho*. São Paulo: Paulinas, 2007. 391p.
- COTRIM, G. *Fundamentos de filosofia: história e grandes temas*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. 304p.
- DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas/ Loyola, 2007.
- GILSON, E. *Introdução à filosofia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2014. 207p.
- _____. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Discurso Editorial, 2006. 542 p.
- PIRES, A. *A questão da alma em Platão e em Santo Agostinho*. Disponível em: http://www.academia.edu/4802485/A_quest%C3%A3o_da_alma_em_Plat%C3%A3o_e_em_Santo_Agostinho. Acesso em: 07 set. 2017.
- PLATÃO. *Diálogos: O banquete. Fédon. Sofista. Político*. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- PROVETTI, J. *A alma na Grécia: A origem do indivíduo no ocidente*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/A_Alma_na_Grecia.pdf. Acesso em: 08 set. 2017.
- REALE, G. *História da filosofia grega e romana: Platão*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, Vol. VIII, 309 p.
- STREFLING, S. R. *Os sete graus de atividade da alma humana no De Quantitate Animae de Santo Agostinho*. Revista Trans/formação, Revista de Filosofia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Marília, v. 37, p.179-200, Set./Dez. 2014.

VERNANT, J-P. *As Origens do Pensamento Grego*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.